



O QUE HÁ POR TRÁS?¹

Flávio Vinícius Godoi da SILVA²
Andréia Santos MACHADO³
Dennis Weberton Vendruscolo GONÇALVES⁴
Washington Kuipers MORAES⁵
Juliano José de ARAÚJO⁶
Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

RESUMO

O documentário de dezenove minutos mostra o cotidiano e a intimidade de três travestis que se prostituem em Vilhena, município do interior de Rondônia, na clássica Avenida Presidente Nasser. Dentre revelações polêmicas sobre como acontece um programa, o filme aborda, por meio de depoimentos e histórias de vida das personagens, o descobrir-se homossexual ainda na infância, o modo de vida itinerante nos pólos de prostituição do estado e os sonhos das travestis, ainda vítimas do preconceito da sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: documentário; minorias; travestis.

1. INTRODUÇÃO

Uma muralha tão alta que poucos conseguem superar os obstáculos e olhar além de suas paredes. Esta muralha está por toda parte da vida em sociedade. Trata-se da muralha do preconceito, uma das mais resistentes já criadas pelo ser humano. Mas afinal, o que há por trás das paredes da discriminação?

Se há algo oculto, só existem duas formas de aceitar como ele (aquilo que não pode ou não quer conviver em sociedade) foi parar onde está; ou alguém o escondeu, ou o que quer que esteja por trás das muralhas do preconceito se ocultou por espontânea vontade.

Para compreender quais razões, como vivem e o que fazem os sujeitos que habitam o outro lado do mundo separado pela muralha, este projeto procurou dar voz a um grupo minoritário usado como objeto de prazer dos que convivem no mundo revelado. A venda de seus corpos é sua única forma de subsistência? A sua transformação no gênero oposto é opção ou a manifestação de uma alma aprisionada no corpo errado? Há espaço/tempo para

¹ Trabalho submetido ao XVII Prêmio Expocom 2010, Categoria documentário, modalidade estudante.

² Aluno líder do grupo e estudante do 8º semestre do curso de Comunicação Social/Jornalismo, e-mail: flaviogodoi@globomail.com.

³ Estudante do 8º semestre do curso de Comunicação Social/Jornalismo, e-mail: andreiabocelli@hotmail.com

⁴ Estudante do 8º semestre do curso de Comunicação Social/Jornalismo, e-mail: dwg_18@hotmail.com

⁵ Estudante do 8º semestre do curso de Comunicação Social/Jornalismo, e-mail: wkmoraes_@hotmail.com

⁶ Professor coordenador do Centro de Comunicação Digital da Amazônia (CCDA), projeto do Departamento de Jornalismo (DEJOR) da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), no âmbito do qual o documentário “O que há por trás?” foi produzido. E-mail: araujojuliano@gmail.com



sonhar? O que há por trás da silhueta feminina com identidade masculina, parada na esquina? O quanto a exibição do mundo de uma travesti pode contribuir para a desconstrução de barreiras sociais sobre pré-julgamentos?

Estes e outros questionamentos foram essenciais para a concepção desta obra em vídeo intitulada “O Que Há Por Trás?”. Em dezenove minutos procuramos mostrar o cotidiano das travestis de Vilhena, desde o momento em que acordam até a volta para casa após mais uma noite de trabalho.

O tema “travesti” e “prostituição” é algo tão marcante e rejeitado pela sociedade que, durante a realização do documentário, a equipe responsável pela sua produção provou um pouco do preconceito através de comentários de discriminação publicados na internet. Este episódio, ganhando efeito contrário às intenções daqueles que repudiaram a elaboração do documentário, mostrou o quanto a iniciativa e a existência de obras do gênero são necessárias e devem ser difundidas nos mais distintos públicos.

2. OBJETIVO

2.1. GERAL

- Apresentar, por meio de um documentário, o cotidiano de três travestis do município de Vilhena, cidade do interior de Rondônia, com o objetivo de mostrar uma outra “representação” deste grupo minoritário, que não esteja atrelada aos estereótipos e preconceitos veiculados pelos meios de comunicação de massa;

2.2. ESPECÍFICOS

- Retratar uma noite das travestis no ponto de prostituição, revelando como elas trabalham, como também as dificuldades, perigos e preconceitos que enfrentam;

- Mostrar curiosidades sobre a vida cotidiana das travestis, como por exemplo, a forma que vivem coletivamente em uma casa, denominada de “república”;

- Apresentar, por meio de depoimentos, elementos da história de vida das travestis, como se descobriam homossexuais, seus sonhos e metas.

3. JUSTIFICATIVA

Para a Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais – ABGLT, as travestis são colocadas à margem da sociedade. Diariamente, os veículos de comunicação são bombardeados por centenas de informações: principalmente notícias, que revalidam os preconceitos. Para a ABGLT, nem sempre as abordagens da mídia são



politicamente corretas. É comum deparar-se com a utilização de termos como: traveco, viado. Formas de tratamento e expressões que reforçam preconceitos, estigma e discriminação, incentivando, assim, a violência contra esse grupo. Segundo informações da ABGLT, somente no ano de 2009 foram assassinados 195 homossexuais no Brasil, sendo que desse total 69 foram travestis.

As travestis sofrem diariamente o preconceito da sociedade que fecha as portas de oportunidades para elas. De acordo com a ALGBT uma das possíveis explicações do alto índice de assassinatos de travestis no Brasil, é a associação feita pelo meios de comunicação do país ligando imagem da travesti com a prostituição e mundo da criminalidade. Segundo a ALGBT, os profissionais do sexo estão entre os que mais morrem assassinados com violência no Brasil.

Como outros grupos minoritários, as travestis não têm oportunidade de alcançar visibilidade na mídia brasileira para lutar contra o avanço da violência e do preconceito. É importante conceituar o que constitui minoria no Brasil. Para começar, é fundamental que se tenha idéia de que o termo minoria que não se restringe à questão numérica, estabelecendo a necessária dimensão política que envolve a noção. De acordo com Sodré (2005, p. 11-12), trata-se de noção importantíssima para a clássica democracia representativa:

Na democracia, diz-se, predomina a vontade da maioria. É verdade, mas é um argumento quantitativo. Qualitativamente, democracia é um regime de minorias, porque só no processo democrático a minoria pode se fazer ouvir. Minoria é, aqui, uma voz qualitativa. (...) Ora, a noção contemporânea de minoria – isto que aqui se constitui em questão – refere-se à possibilidade de terem voz ativa ou intervirem nas instâncias decisórias do Poder aqueles atores sociais ou frações de classe comprometidos com as diversas modalidades de luta assumidas pela questão social. Por isso, são considerados minorias os negros, os homossexuais, as mulheres, os povos indígenas, os ambientalistas, os antineoliberalistas etc.

Dentre essas minorias, as travestis protagonizam a busca pela aceitação e dos direitos civis, mas esbarram no preconceito, na falta de visibilidade e de voz ativa na mídia, que contribui para um comportamento homofóbico que coloca o Brasil, segundo a ALGBT, como o país campeão mundial na violência de crime de ódio e assassinato contra grupos de gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais (GLBT).

Refletindo sobre esse problema, resolvemos através da mídia alternativa disponível, produzir um documentário para dar voz ao grupo minoritário das travestis, pois é importante termos um material no qual elas surjam como protagonistas das suas próprias histórias. Na vida real, elas não são ouvidas, não são vistas e através desse documentário



elas mesmas podem se definir e se mostrar, e ao seu mundo também, contribuindo, assim, para difundir identidades e formular construções sociais de imagens da comunidade ALGBT, sem os estereótipos veiculados pela grande mídia. Neste cenário, o documentário de gênero surge como ferramenta para a veiculação do orgulho da identidade homossexual. Combatendo assim a violência e o preconceito contra grupos GLBT e também para defender e garantir os direitos relacionados à livre expressão sexual no Brasil.

Pretendemos, assim, durante as exposições, do documentário promover debates, sobre a violência cometida contra o grupo minoritário das travestis além de promover a cidadania desse grupo que, dentre os excluídos GLBT, são os mais marginalizados e estão fora de qualquer possibilidade de inclusão social, seja na escola, na saúde, na família, no mercado de trabalho etc. Com acesso gratuito a essa expressão cultural, busca-se minimizar preconceitos através da arte e do conhecimento.

Muito embora o objetivo do documentário seja visibilizar a temática acerca de travestis, a linha que permeia todo o projeto é a de auxiliar na quebra de pré-conceitos, equívocos que servem para alimentar e justificar a violência praticada por grupos conservadores contra esse público.

O documentário “O que há por trás?” privilegia a cultura da diversidade, abordando as múltiplas interpretações sobre gênero, sexualidade, orientações sexuais, identidades que fogem aos esquemas binários (masculino e feminino). Dessa forma iluminar-se-á as sexualidades e identidades a partir de novos conceitos e concepções que apontem para a libertação de restrições impostas por uma sociedade fundada na heteronormatividade, onde os sujeitos estão presos, obrigatoriamente, a seus corpos e sexos biológicos.

Nesse contexto, é importante destacar que a produção de documentários nos últimos anos no Brasil tem tido como objetivo a promoção da cidadania de grupos minoritários. Em nenhum período histórico anterior, os recursos e produtos audiovisuais foram utilizados com tanta frequência para disseminação de informações e apreensão da realidade. Noticiários, programas educativos, filmes de ficção, programas de entrevistas, reportagens especiais e documentários veiculados pela televisão, por exemplo, têm sido intensamente “consumidos”, na medida em que oferecem a possibilidade de ampliar o universo cognitivo do público a partir de um suporte bastante atraente, como é o caso da TV – capaz de aglutinar imagens (em movimento ou não), sons e novas tecnologias. Por isso a importância da produção de documentários que destacam a promoção da cidadania no Brasil.

4. MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Algumas gravações do documentário “O que há por trás?” foram realizadas durante a noite, para mostrar o local de trabalho das travestis. Lá foram feitas imagens de corpo inteiro das travestis e plano italiano, que focaliza as personagens do peito para cima, cortadas pelos ombros. Também foram coletadas imagens em plano geral, para situar o local onde as travestis ofereciam seus serviços.

Foram coletadas imagens em plano geral em período diurno para mostrar a república onde as travestis moram. Durante as entrevistas, os planos de filmagem foram, em sua maioria, italiano, valorizando os membros superiores das entrevistadas, conferindo ao espectador a sensação de confessorário.

A presença do macro zoom é constante no decorrer do documentário, essencialmente em cenas diurnas. A equipe optou por essa técnica para tentar passar a idéia de mergulho no universo da personagem ali representada.

O som utilizado foi o direto, pelo fato da equipe não contar com um microfone bom para a captação de áudio. Essa ausência prejudicou algumas cenas, pois o microfone da câmera era muito sensível a quaisquer ruídos.

A equipe optou por fazer um documentário dividido em blocos, cada qual com um assunto em específico. O primeiro intitulado “Prazer ou negócios”, o segundo “Toc Toc”, o terceiro “Ele, ela e os outros”, o quarto “Espelho, espelho meu” e o quinto e último “Eu quero...”. O documentário tem caráter cíclico, começando na rua durante a noite, passando pela casa das travestis durante o dia e retornando a rua no período noturno.

Não é utilizada a técnica da narração em voz off, comum ao gênero telejornal. Ao invés disso, o filme é guiado pelas perguntas feitas pela equipe de produção, que participa do documentário através de falas sem a aparição por completo destes, a exemplo do que preconiza Nichols (2008, p. 62), a respeito do modo participativo do cinema documentário, onde é enfatizada a interação entre cineasta e tema.

Como trilha sonora, a equipe optou por inserir músicas da cantora estadunidense Britney Spears, que é a preferida das personagens principais do documentário, sendo, inclusive, ouvida por elas no momento de gravação das imagens.

5. DESCRIÇÃO DO PRODUTO E PROCESSO

O documentário “O que há por trás?” é uma produção acadêmica, desenvolvida pelos discentes Andréia Santos Machado, Dennis Weberton Vendruscolo Gonçalves, Flávio Vinícius Godoi da Silva e Washington Kuipers Moraes, do curso de Comunicação



Social/Jornalismo da Universidade Federal – UNIR, para atender ao Centro de Comunicação Digital da Amazônia – CCDA.

Com duração de dezenove minutos, o documentário aborda as vidas de três travestis que se prostituem nas ruas de Vilhena, suas opiniões a respeito do preconceito, seus desejos, suas aventuras amorosas e sexuais e seu dia-a-dia enquanto seres humanos iguais a todos os outros, mas que por optarem fugir dos padrões convencionais de comportamento, são discriminadas pela a sociedade, que durante a madrugada procura por seus serviços.

O documentário foi lançado em um coquetel, no dia 30 de outubro de 2009, com a presença de uma das personagens, acadêmicos de vários cursos da UNIR e da Faculdade da Amazônia – FAMA e pessoas ligadas a vários setores da sociedade. Além da exibição, no lançamento, “O que há por trás?” já foi exibido no festival “Só Curtas” de Ji-Paraná, na IV Mostra do Filme Etnográfico, em Manaus.

Na pré-produção foram feitas entrevistas, sem gravação, onde o grupo pôde escolher os personagens que poderiam comentar sobre determinados assuntos, como: primeira relação sexual, relacionamento com as outras travestis, vida familiar, religião. Foram escolhidas três travestis, Leo, Lorena e Paola posteriormente, pela desenvoltura com que lidaram frente às perguntas, às vezes inconvenientes, feitas pela equipe de produção.

Através dessas entrevistas, a equipe de produção ficou sabendo da existência de uma república de travestis na cidade de Vilhena. A partir dessa informação, a responsável pela república foi contactada, permitindo a equipe ir até o local averiguar o ambiente que posteriormente seria filmado. No local também foram realizadas pré-entrevistas com as moradoras.

As imagens coletadas para a confecção do documentário foram coletadas no período de setembro a novembro de 2008. As gravações foram realizadas em três etapas: a primeira aconteceu no ponto de prostituição em que as travestis trabalham. Nessa fase foram entrevistadas as travestis Leo e Paola. Elas contaram segredos da profissão, o porquê de estar fazendo esse tipo de trabalho. Na segunda etapa, a equipe de produção partiu para a república com o intuito de registrar o cotidiano das duas travestis. Lá foram filmadas no processo de transformação para o trabalho noturno, bem como entrevistadas sobre vários temas, que abrangiam a vida profissional e particular.

Na terceira fase da coleta de imagens foi registrada a chegada de Lorena de Ji-Paraná. Posteriormente foi realizada uma entrevista filmada com a travesti abordando temas como o preconceito e a mudança de sexo.



Com mais de três horas de imagens registradas, a equipe partiu para o laboratório de edição da UNIR e assistiu as filmagens escolhendo os melhores trechos, fazendo a decupagem de todo o material captado. Por não contar com um microfone adequado para a captação do áudio, as filmagens foram prejudicadas em alguns trechos. Após a seleção das partes mais significativas, a equipe transcreveu as falas de seus entrevistados, encaixando-as num roteiro esquematizado, contendo as inserções de trilha sonora.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente muitas travestis ganham visibilidade na mídia devido a escândalos e polêmicas envolvendo políticos, cantores, atores e personalidades públicas em geral. Um exemplo é o caso envolvendo a travesti Andréia Albertini e o jogador de futebol Ronaldo “Fenômeno” em abril de 2008, que desencadeou um escândalo com repercussão internacional e promoveu discussões acerca da masculinidade e da “real preferência sexual do jogador”.

Assim, não apenas as travestis são ridicularizadas, mas quem se envolve com elas também, e mais uma vez o riso, agora entoadado tragicomicamente, posiciona o imaginário social sobre o fato. A mídia brasileira, destacando a televisiva, em particular, mais uma vez reproduz a imagem das travestis no âmbito da marginalidade, e desse modo ao longo de anos, sua imagem vem sendo atravessada pelas marcas da violência e da criminalidade, e no contexto do humor, estigmatizando todo um grupo plural a partir da homogeneização de representações e narrativas simplistas.

Como postula Debord (1997, p.14), nas sociedades atuais tudo que era vivido tornou-se representação, e a vida virou um espetáculo, onde a relação social entre as pessoas é mediada por imagens, constituindo por meio destas o modelo de vida social dominante. É desse modo que as imagens que a mídia veicula fornecem símbolos e mitos, recursos que contribuem para que se constitua uma cultura geral para a maioria dos indivíduos, ainda que em distintos graus. Nesse sentido, a mídia se configura enquanto espaço das construções simbólicas e das representações sociais, e devido à sua amplitude e poder de penetração, atua hoje como o principal agente de assujeitamento e de agenciamento para a construção das identidades, fornecendo, desse modo, boa parte do material simbólico com que se molda o imaginário social sobre as travestilidades, assim como os valores a elas atribuídos, estabelecendo uma relação indissociável, por vezes equivocada, entre representações, indivíduos e identidade social.

A cultura veiculada pelas mídias conforma em boa medida a vida cotidiana, o comportamento social e a percepção da sociedade em geral sobre o mundo e determinados fenômenos sociais. Os meios de comunicação de massa e os produtos culturais midiáticos são mediadores de uma dada realidade – construída historicamente a partir de representações e discursos visuais e verbais tidos como oficiais provindos de diferentes instituições sociais – e ajudam a modelar uma visão predominante de mundo (KELLNER, 2001). E como foi assinalado anteriormente, o imaginário popular sobre as travestis e o seu conhecimento e reconhecimento no cotidiano social é significativamente marcado pela espetacularização de sua imagem pelas mídias.

Nesse contexto, as travestis tornam-se um espetáculo na medida em que são retratadas e representadas associadas à anormalidade e ao exotismo, como aberrações físicas – metade macho e metade fêmea, mulher de pau ou homem de peito –, ou como um prodígio devido à incrível façanha de ser uma mulher que é um homem. Assim, a imagem das travestis na mídia, o modo como são retratadas e representadas, o que dizem sobre elas e o status social a elas atribuído interfere sobremaneira no modo como são percebidas e como se relacionam na esfera pública.

Na vida prática de grande parte das travestis e no cotidiano das ruas, o principal palco são as calçadas onde expõem seus corpos como em vitrines para a prostituição. Em trajes sumários e estratégicos, as “bonecas” fazem parte da paisagem noturna dos que trafegam pelas cidades na alta madrugada. Contudo, as imagens da prostituição travesti não são vistas somente por quem transita pelas noites, pois elas chegam também por meio de representações midiáticas e narrativas visuais e orais.

As mídias, ao reproduzirem correntemente o discurso dos sexos e dos gêneros binários e representar as travestilidades de modo estereotipado, marginalizado, risível ou erotizado, acabam por reiterar e legitimar socialmente a “anormalidade” dos indivíduos transgêneros. Assim, ao construir e assumir uma identidade desviante da norma e dos valores hegemônicos socialmente apregoados, as travestis têm seus direitos civis vetados pelo preconceito e discriminação, que levam à exclusão social e muitas vezes a situações de violência física ou simbólica, como os crimes homofóbicos. Assim, torna-se fundamental refletir sobre o impacto que as representações presentes em diferentes instituições sociais, sobretudo nas mídias, têm para a construção da cidadania e para a inclusão social de indivíduos transgêneros.

Por isso destacamos a importância do documentário “O que há por trás?”, que mostra um pouco do dia a dia das travestis, seus desejos, sonhos e experiência, para que as



peças conheçam uma “versão” das travestis que quase nunca é apresentada a sociedade, livre de amarras e preconceito. O documentário, nesse contexto, segundo Nichols (2008, p. 102), “trata do esforço de nos convencer, persuadir ou predispor a uma determinada visão do mundo real em que vivemos (...). O documentário não só ativa nossa percepção estética (ao contrário de um filme estritamente informativo ou instrutivo), como também ativa nossa consciência social”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Bauru, SP, EDUSC, 2001.
- MEDINA, Cremilda. **Entrevista: o diálogo possível**. 4ª ed. São Paulo: Ática, 2004.
- NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. 3ª ed. Trad. Mônica Saddy Martins. Campinas, SP: Papyrus, 2008.
- SODRÉ, Muniz. “Por um conceito de minoria”. In: PAIVA, Raquel e BARBALHO, Alexandre (Orgs.). **Comunicação e cultura das minorias**. São Paulo: Paulus, 2005.